

O TEMPO EMOCIONAL E O TEMPO CRONOLÓGICO NOS ENCONTROS DE MUSICOTERAPIA COM IDOSAS INSTITUCIONALIZADAS

Laura Batista Bollini¹

Hermes Soares dos Santos²

Resumo: Este trabalho trata-se de uma pesquisa de campo de caráter qualitativo e de nível exploratório, sob o objetivo de investigar o que expressam idosas institucionalizadas, em interações verbais e musicais no decorrer de encontros de Musicoterapia, a respeito da dualidade entre o tempo emocional e o tempo cronológico. A pesquisa foi realizada em uma instituição de longa permanência feminina com idosas de idades entre 66 a 86 anos. Os encontros foram registrados por meio de gravações de áudios, relatórios descritivos e diário de campo. A análise dos dados se deu por meio da técnica de Análise Temática Dialógica. Foram construídos fluxogramas contendo as falas de destaque das participantes acerca do tempo emocional e do tempo cronológico. Na leitura dos dados, emergiram temas como a juventude, a família, o processo de envelhecimento e a música. A Musicoterapia se mostrou uma ferramenta facilitadora do acesso aos tempos emocional e cronológico da pessoa idosa, permitindo o resgate de memórias afetivas e valorização dos conteúdos emergentes.

Palavras-chave: Musicoterapia. Pessoa Idosa. Tempo Cronológico. Tempo Emocional. Instituição de Longa Permanência para Idosos.

72

1 Bacharel em Musicoterapia pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0554807999191476>

2 Professor do Bacharelado em Musicoterapia da UNESPAR-Campus Curitiba II/FAP. Mestre em Música e bacharel em Musicoterapia (EMAC/UFG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1619832393419485>

EMOTIONAL AND CHRONOLOGICAL TIMES IN MUSIC THERAPY INTERVENTIONS WITH INSTITUTIONALIZED ELDERLY WOMEN

Laura Batista Bollini
Hermes Soares dos Santos

Abstract: This paper is comprised of an exploratory and qualitative field research with the intent of investigating the verbal and musical interaction by institutionalized elderly women, in regards to the duality between emotional and chronological time. The data collection was performed on an institution of long-term care for women with the appropriate forms signed with subjects whose age ranged from 66 to 86 years old. The data was collected via audio recordings, descriptive reports and a field diary and analyzed via Dialogical Thematic Analysis, with flow charts being created to display the most poignant elements presented by the participants about emotional and chronological time. While reviewing the data, themes such as youth, family, the aging process and music were brought up repeatedly. Music Therapy has shown itself to be a tool that enables an access into the emotional and chronological time of the elderly, allowing for a recovery of affective memories and the validation of the emerging themes.

Keywords: Music Therapy. Elderly. Chronological Time. Emotional Time. Long-Term Institution For The Elderly.

1 INTRODUÇÃO

O elemento “tempo” é objeto de diversas reflexões e manifestações literárias desde épocas mais antigas. A compreensão do tempo perpassa pela trajetória inteira da vida de um sujeito e é um fator que organiza não somente os acontecimentos, como também os sentidos atribuídos a eles. É a partir dessa assimilação que se constrói um entendimento linear acerca da história de alguém. Conforme situado por Benevenuti et al. (2018), o tempo permeia toda a existência humana. Dessa forma, o sujeito está estritamente ligado ao tempo, porque organiza a sua vida, a sua história, os seus afazeres com base em um determinado tempo. Assim, ele cria uma relação de causa e consequência entre as experiências significativas da existência, com acontecimentos antecedentes que geram efeitos posteriores.

No entanto, as pessoas nem sempre estão submetidas a um mesmo entendimento acerca do que é o tempo. Às vezes essa ideia, sujeita a distintas interpretações, pode surgir de uma ordem não linear, isto é, não cronológica. As palavras *chronos* e *kairós*, originadas a partir da mitologia grega, trazem dois conceitos de tempo diferentes. Enquanto o primeiro se refere ao tempo de ordem cronológica, isto é, o tempo mensurável e linear, o segundo é tido como o tempo oportuno, metafórico e não linear (ARANTES, 2015).

Desse modo, para a construção do presente trabalho, parte-se do princípio da existência de um tempo de ordem cronológica, isto é, linear, e um tempo de ordem emocional, relacionado às subjetividades de cada pessoa. Este tempo se refere tanto às experiências de vida de um indivíduo, carregadas de sentimentos e sentidos atribuídos a elas, como ao tempo de desenvolvimento biopsicossocial pelo qual cada pessoa é sujeita nas diversas etapas de sua vida. O sentido, conforme o pensamento de Luria (1986) diferencia-se do significado, uma vez que pode designar aspectos diferentes devido ao momento, à situação e às vivências afetivas do sujeito, isto é, enquanto o significado está encerrado na palavra de forma universal e permanente, o sentido está carregado de valores individuais, afetivos e subjetivos. A partir disso, pode se considerar a ideia de que as pessoas atribuem sentido a uma determinada experiência de vida, a um determinado momento e até mesmo a uma determinada canção, sendo estes carregados de valores afetivos únicos a esta pessoa.

A música é compreendida aqui como uma porta de entrada para esse mundo particular de cada indivíduo, visto que possui a característica de ser atemporal, isto é, que não permeia somente uma época específica para ser escutada e sentida por aqueles que a ouvem e constroem associações afetivas com ela. Para as autoras Renner e Beyer (2007), o fazer musical é um processo educativo que ativa e integra as faculdades da mente, entre elas a sensibilidade, razão, intelecto e emoção. Desse modo, a música tem a capacidade de transportar o indivíduo para diversas situações e épocas de vida, o que, conseqüentemente, pode trazer consigo os aspectos emocionais da trajetória dessa pessoa.

Discorrer acerca desse assunto pode variar muito de acordo com o tipo de público sobre o qual se está falando. Em uma população idosa, por exemplo, a relação dos indivíduos com a música e com o tempo cronológico e emocional é diferente daqueles que são mais jovens. Conforme pontuado por Santos (2018), apesar das teorias do desenvolvimento se atentarem mais para o tempo transcorrido e menos para o “tempo vivido”, é na relação do tempo vivido que se encontra a compreensão acerca do processo do envelhecimento em sua totalidade. Nesse sentido, o tempo transcorrido da pessoa idosa seria correspondente ao seu tempo cronológico de vida, enquanto o tempo vivido corresponderia ao seu tempo emocional.

Existe, na população idosa, a senescência ou senectude, e a senilidade. A primeira contempla o envelhecimento normal, com sua somatória de alterações orgânicas, funcionais e psicológicas. A segunda se refere ao envelhecimento patológico, no qual há a presença de doenças nos níveis físicos, fisiológicos e psíquicos (NETTO, 2016). Nos casos da Doença de Alzheimer e de outros tipos de demência, as funções cognitivas e, conseqüentemente, sociais do indivíduo se deterioram, juntamente com o comprometimento para desempenhar atividades do cotidiano, havendo também a ocorrência de distúrbios de comportamento e sintomas neuropsiquiátricos. Outra forte característica é o comprometimento da memória declarativa e episódica. A dificuldade em recordar datas, compromissos, nomes familiares e fatos recentes é considerado, em geral, o sintoma mais precoce e proeminente na fase inicial da doença (MACHADO, 2016). Essa realidade torna-se palpável ao se observar as instituições de longa permanência, em que as pessoas idosas permanecem sob os cuidados diários de outros profissionais.

No contexto do fazer musical em grupos de idosos, ocorre um movimento de valorização individual e da compreensão da importância que o outro realiza no todo, promovendo a integração em momentos cívicos e culturais como estratégia de luta contra o isolamento social (RENNER & BEYER, 2007). O fazer musical da Musicoterapia pode atuar dentro desse contexto, ainda que por breves momentos, como uma ferramenta de contribuição para a saúde dessas pessoas institucionalizadas.

A Musicoterapia é definida como “o uso da música para dar às pessoas novas possibilidades de ação” (RUUD, 2010, p. 124 apud BRUSCIA, 2016). É nesse fazer musical que se resgatam as interações sociais que podem se encontrar debilitadas ou até mesmo perdidas, que afetam tanto as pessoas doentes como aquelas que ainda possuem suas funções cognitivas preservadas, uma vez que o seu entorno está afetado. A Musicoterapia é uma prática terapêutica que está cada dia mais presente na atuação com pessoas idosas, estimulando o prazer de cantar, tocar, improvisar, criar e recriar a suas histórias musicais (DREHER et al, 2014, p. 10).

Sabe-se que no Brasil, no ano de 2012, a população com 60 anos ou mais era de 25,4 milhões. Em cinco anos, somaram-se 4,8 milhões de novos idosos, correspondendo a um crescimento de 18% desse grupo etário. Outro dado importante é de que as mulheres são maioria nesse grupo, com 16,9 milhões, representando 56% das pessoas idosas, enquanto os homens idosos são 13,3 milhões, representando 44% do grupo (IBGE, 2018).

Acerca da temática “tempo”, Silva (2010) supõe a ideia de que o tempo musical, seja ele percebido ou executado, é derivado de um tempo mental que, por sua vez, está ligado a um tempo biológico. O tempo biológico, segundo o autor, é organizado por uma convenção maior, denominada tempo cronológico. Desse modo, o resgate e acolhimento dessas manifestações por meio da Musicoterapia, bem como a compreensão acerca da forma em que elas ocorrem, podem suscitar temas e experiências de vida diversas, além de promover reflexões acerca das relações que se constroem nos aspectos musicais, emocionais e temporais da pessoa idosa.

Pouco se discorre sobre o tema tempo, música, Musicoterapia e idosos. Diante da carência de pesquisas a respeito deste tema, entende-se que este estudo pode possibilitar uma contribuição na construção de um referencial teórico sobre o mesmo.

Partindo dessas reflexões surgiu o presente trabalho, decorrente da prática de estágio curricular do curso de Bacharelado em Musicoterapia da UNESPAR, realizado em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) feminina, de caráter privado, localizada na cidade de Curitiba-PR. Esta pesquisa de caráter qualitativo teve por objetivo motriz investigar o que expressam idosas institucionalizadas, em interações verbais e musicais no decorrer de encontros de Musicoterapia, a respeito da dualidade entre o tempo emocional e o tempo cronológico. Entende-se o tema como relevante para as áreas sociais e a área de saúde, que permeiam os âmbitos das instituições de longa permanência.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Na mitologia grega, tem-se o conhecimento acerca de *chronos* e *kairós*, sendo estes dois deuses que representam o tempo de maneiras muito distintas. Chronos significa o tempo físico e cronológico, compreendido como anos, meses, dias, horas, minutos e segundos, enquanto *kairós* se refere a uma experiência temporal, na qual percebemos o momento oportuno em relação a determinado objeto, processo ou contexto. *Kairós* expressa e simboliza, então, uma ideia considerada metafórica do tempo, isto é, o tempo não linear, que não se pode determinar ou medir. Ainda na narrativa grega, *kairós* não simboliza o passado ou o futuro, mas sim o instante presente, considerado o momento em que se consegue afastar o caos e abraçar a felicidade (ARANTES, 2015).

Acerca dos estudos na área da psicologia do desenvolvimento, Santos (2018) salienta que, frequentemente, as teorias do desenvolvimento atentam para o tempo transcorrido, mas não para o “tempo vivido”. O autor também afirma que, embora devam ser continuamente correlacionados, tempo subjetivo e o tempo da vida cotidiana, instituído, não são coincidentes.

No campo da Gerontologia, a idade da pessoa idosa não é vista somente por um único espectro. Existem termos básicos que consideram a idade cronológica, a idade biológica, a idade psicológica e a idade social da pessoa idosa (NETTO, 2016).

Na área da Musicoterapia, Silva (2010) traz o conceito da música como espaço-tempo relacional entre o sujeito e suas realidades. Valendo-se das ideias de Koellreutter (2000), o autor apresenta também o conceito de Tautocronia, que diz respeito à configuração dos tempos vividos pelo ser humano em uma perspectiva tridimensional: passado-presente-futuro.

A conceituação do tempo é uma criação humana, e sendo a música uma arte temporal, em que existem padrões definidos e compartilhados socioculturalmente, os tempos mentais, cronológicos, biológicos e outros também se apresentam nos encontros de Musicoterapia como unidades estruturais. A partir disso, é reforçada a ideia de que a música não se apresenta somente na perspectiva tridimensional do tempo, constituída pelo passado, presente e futuro (SILVA, 2010).

Em seu estudo sobre coro terapêutico com o público idoso, Zanini (2002) defende o cantar como uma terapia por contribuir para a estruturação do ser humano, colaborar na sua construção cultural e desenvolver habilidades aprendidas. A autora pontua o exercício do canto como uma prática de expressão e da memória, e que estes fatores juntos, levam à espontaneidade sendo, portanto, terapêutico.

A mesma autora defende ainda a possibilidade do alcance da integralização da pessoa idosa, na Musicoterapia, a partir da união dos três tempos: passado, presente e futuro. A música torna-se a grande facilitadora deste processo, levando o musicoterapeuta a considerar a essência da pessoa idosa para além de sua idade, isto é, considerando e respeitando toda a sua história de vida. Por fim, pontua a importância do exercício mental para a pessoa idosa, de modo a favorecer seu desenvolvimento, sendo este um possível objetivo a ser determinado pelo musicoterapeuta que trabalha com essa população (ZANINI, 2002).

A Musicoterapia, ligada ao contexto da população idosa, mostrou-se efetiva na redução de sintomas da doença de Alzheimer e da doença de Parkinson em pessoas idosas (BRAVIN et al, 2018). Na revisão integrativa realizada pelas autoras Bravin, Vagetti e Cunha (2018) acerca da influência da Musicoterapia em pessoas idosas com essas doenças, foram exibidos resultados positivos como a melhora e estímulo da memória autobiográfica e de evocação, a preservação das funções cognitivas e redução de medicamentos, bem com o

retardamento dos estados demenciais nos casos de pessoas com a Doença de Alzheimer. No caso da Doença de Parkinson, os resultados mostraram melhora nos distúrbios psicológicos resultantes da doença (depressão, ansiedade e tensão) e no sintoma corporal de tremor. Ambas as doenças citadas estiveram presentes nos encontros em grupo realizados.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A pesquisa de caráter qualitativo, conforme apontado por Flick (2009, p. 20) é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida. A pesquisa foi de nível exploratório, que tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores (GIL, 2008, p.27). Ainda segundo o autor, tais pesquisas são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato (Id.). Desse modo, buscou-se estabelecer a relação e o diálogo entre os conteúdos que foram evocados durante a pesquisa de campo e os conteúdos encontrados na revisão bibliográfica.

A realização da coleta de dados desta pesquisa deu-se mediante a assinatura de dois documentos, sendo estes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Assentimento. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado pelos familiares e/ou responsáveis pelas participantes, diante do déficit cognitivo de algumas delas para poderem ler e assinar o termo por conta própria. Nesse termo constam os objetivos da pesquisa, os itens a serem desenvolvidos e o esclarecimento quanto à liberdade do sujeito de se ausentar da pesquisa se assim quiser sem ônus para o mesmo. Para as participantes, por sua vez, foi entregue e assinado um Termo de Assentimento, contendo um pequeno texto explicativo em fonte maior para a leitura, e imagens ilustrativas para contextualizar como se daria o processo de pesquisa. As assinaturas foram obtidas por escrito para as idosas com condições de escrever, e por impressão digital para aquelas que não possuíam tais condições³.

³ Esta pesquisa foi submetida ao comitê de ética da Faculdade de Artes do Paraná e aprovada pelo mesmo, sob o CAAE nº 15677619.7.0000.0094.

Utilizou-se também instrumentos como as fichas de dados cadastrais das participantes, contendo informações como o nome, idade, condições de saúde e/ou possíveis quadros clínicos apresentados e o momento em que chegou à instituição. A ficha musicoterapêutica, cujo registro possui o histórico musical das participantes (BARCELLOS, 2016) e os questionários projetivo e social de canções (SCHAPIRA et al, 2007), que sugerem lembranças de canções relacionadas a diversos momentos e contextos (lembranças da família, amigos e outros), serviram de inspiração para algumas das perguntas feitas às participantes ao longo dos encontros.

O celular foi utilizado como recurso para a gravação dos encontros em áudio e para a reprodução de canções para a experiência de Audição Musical. O registro dos encontros foi feito por meio da escrita de relatórios, diário de campo e transcrições de trechos de áudios gravados.

Para a análise de dados desta pesquisa, foi escolhida a técnica de Análise Temática Dialógica, método analítico qualitativo, dinâmico e flexível, seguindo os seguintes passos: a) Transcrição das entrevistas; b) Leitura intensiva do material descrito; c) Organização das enunciações em temas e subtemas (BORGES, SILVA, 2017). A etapa de transcrição das entrevistas serviu de inspiração para a transcrição de falas de destaque dos encontros, uma vez que estas não ocorreram mediante entrevista formal. Na leitura dos dados, foram destacadas as interações verbais e musicais que manifestaram de forma significativa a dualidade entre o tempo cronológico e o tempo emocional das participantes da pesquisa.

3.1 A INSTITUIÇÃO E AS PARTICIPANTES

A pesquisa foi realizada em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) feminina, de caráter privado, localizada na cidade de Curitiba-PR. A instituição conta com uma equipe técnica formada por musicoterapeuta, nutricionista, fisioterapeuta, educador físico e responsável técnica.

O grupo participante desta pesquisa foi constituído por cinco idosas com idades entre 66 e 86 anos, apresentando alguns quadros clínicos como demência, as doenças de Alzheimer e de Parkinson, osteopenia, ansiedade, hipertensão e outras. As participantes

já faziam parte dos encontros grupais de Musicoterapia ao longo do estágio, o que foi determinante para a escolha do grupo, uma vez que já estavam familiarizadas com o processo.

A seguir, são destacadas algumas informações acerca das participantes. Todos os nomes são fictícios, de modo a preservar a real identidade de cada uma.

Quadro demonstrativo dos dados cadastrais das participantes da pesquisa.

Nome	Idade	Cidade de Origem	Período de Entrada na Instituição	Quadro Clínico Apresentado
Mocinha	86	Curitiba – PR	Outubro/2018	Alzheimer em progressão; Hipertensa controlada com medicação.
Emilinha	72	Canoinhas – SC	Agosto/2019	Ansiedade; Ossos fracos.
Sertaneja	85	Patos – PB	Março/2019	Cadeirante; Demência.
Jardineira	66	Espumoso – RS	Maior/2019	Epilepsia; Demência.
Maria Bonita	70	Florianópolis – SC	Setembro/2017	Osteopenia; Doença de Parkinson.

3.2 ENCONTROS

Foram realizados seis encontros grupais de Musicoterapia no período de Setembro a Outubro de 2019. Os encontros ocorreram semanalmente, com duração de cerca de 1h30min e foram embasados, principalmente, nas experiências de Recriação Musical, na qual o participante aprende, canta, toca ou executa música composta previamente, e de Audição Musical, na qual o participante ouve a música e responde às experiências silenciosamente, verbalmente ou em outra modalidade (BRUSCIA, 2016).

Os espaços da casa destinados para os encontros foram a sala de estar e/ou espaço ao ar livre. Foram utilizados os seguintes instrumentos musicais: violão, ovinhos e caxixis. Com exceção do violão, os demais instrumentos eram oferecidos às participantes para livre escolha no início de cada encontro.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta pesquisa, foram consideradas manifestações do tempo emocional aquelas que trataram, essencialmente, de evocação de memórias afetivas, fossem estas advindas a partir das canções recriadas e escutadas, ou das interações verbais com a pesquisadora

e com o grupo. Este tipo de manifestação, do âmbito das emoções e das experiências individuais com a música e com as memórias evocadas por ela, relaciona-se com a ideia metafórica do tempo de *kairós*, o tempo não linear, que não se pode determinar ou medir (ARANTES, 2015).

Silva (2010) pontua que os tempos mentais, cronológicos, biológicos e outros, podem se apresentar nos encontros de Musicoterapia como unidades estruturais, isto é, unidades que trazem forma, estrutura, apoio e organização. Foram consideradas manifestações do tempo cronológico aquelas que tratassem da evocação espontânea de canções por parte de algumas das participantes, que por sua vez, puderam resultar ou não na evocação de memórias afetivas compartilhadas no grupo. Estas canções tiveram suas autorias e suas datas de lançamento pesquisadas, relacionando às idades em que as participantes tinham na época em que a canção foi lançada, estabelecendo, portanto, uma relação cronológica aproximada. Também foram consideradas manifestações que representassem a distinção entre o passado e o presente com clareza.

Encontro nº 1: Este primeiro encontro com o grupo ocorreu no espaço da sala de estar da instituição, sem que houvesse uma temática pré-estabelecida. Estavam presentes todas as participantes. A experiência de Recriação Musical (BRUSCIA, 2016) permeou todo o encontro e, embora todas as participantes estivessem presentes no dia em questão, houve somente uma manifestação verbal a ser considerada neste momento, vinda da participante Mocinha, que manifestou a evocação de uma memória afetiva a partir da recriação da canção “Beijinho Doce”, canção que faz parte do repertório e que ela canta corriqueiramente quando está nos encontros. A participante, que estava sentada no sofá, sorriu ao contar que seu pai tocava gaita e que ela tocava violino: *“Lá em casa era sempre uma festa. A gente tocava muita música”*.

Comentário 1: Em sua manifestação, a participante trouxe aspectos relacionados à música e à sua família, como a lembrança do seu pai, de si mesma e dos instrumentos que tocavam juntos com frequência: *“Lá em casa era sempre uma festa”*. O sorriso da participante ao compartilhar dessa lembrança, indica ser uma memória afetiva positiva para ela. Para Dreher et al. (2014), a Musicoterapia, em sua atuação com idosos, permite a estimulação do prazer de cantar, tocar, e improvisar, além de possibilitar ao idoso a oportunidade de

criar e recriar a suas histórias musicais. Neste primeiro encontro, Mocinha pôde acessar conteúdos do tempo emocional de sua vida ao recordar de momentos de valor afetivo para ela. Tal evocação se deu mediante a recriação de uma canção de seu repertório, a qual a participante cantou do início ao fim. O desenvolvimento da capacidade de memória é uma das metas do uso da experiência de Recriação Musical citadas por Bruscia (2016).

Encontro nº 2: Neste encontro, também ocorrido na sala de estar da instituição, sem uma temática pré-estabelecida e com a presença de todas as participantes, houve outra manifestação de destaque da participante Mocinha. Quando foi pedido a ela que sugerisse uma canção, ela respondeu: *“Eu não sei, você que é a dona do violão. Manda aí que ‘nóis’ ajuda”*. Depois desta fala, Mocinha começou a cantar a marchinha de carnaval “Cidade Maravilhosa”. Esta foi a primeira vez que escolheu uma canção. A canção se tornou o hino da cidade do Rio de Janeiro em 1960, quando a participante tinha 28 anos de idade.

Jardineira, motivada pela expressão de Mocinha, contou que pulava carnaval, mas que não era muito carnavalesca. Foi perguntado a Sertaneja se ela recordava alguma canção que fosse sertaneja. Respondeu cantando espontaneamente a canção “Sertaneja”, interpretada por Nelson Gonçalves, lembrando-se de boa parte das três estrofes da canção. Mocinha sugeriu espontaneamente a marchinha de carnaval “Cidade Maravilhosa”, que foi recriada com o grupo. Quando perguntado se ela gostava de “pular” carnaval, rindo ela respondeu: *“Gosto, gosto, ih... isso, pulava, lá no Bacacheri, o meu pai era presidente lá, o (nome do pai)”*. Ainda sobre o assunto, disse rindo: *“(palavrão) era de rachar. Era de rachar o que estava rachado”*. Maria Bonita, motivada pela expressão de Mocinha, contou que tinha o hábito de “pular” carnaval. Emilinha também contou que não “pulava” muito carnaval.

Comentário 2: No resgate da canção “Cidade Maravilhosa”, surgiram diversos aspectos afetivos, como a lembrança do pai de Mocinha com detalhes (nome completo, o cargo que ocupava, o clube que frequentava). O palavrão verbalizado no grupo, em meio a risadas, bem como outras expressões sonoras da linguagem (*ih...*), demonstraram que Mocinha se sentia à vontade no ambiente em que estava e com o grupo. Além disso, sua expressão também afetou o grupo, que passou a interagir a partir de suas manifestações,

evocando também outras lembranças e/ou comentários acerca do tema. Uma das metas da experiência de Recriação Musical conforme Bruscia (2016) é a de experimentar e liberar sentimentos em um ambiente seguro e apropriado.

Em outro momento, durante a recriação de canções, Sertaneja, que inicialmente estava deitada no sofá, sentou-se ao cantar “Sertaneja”, canção gravada em 1939 por Orlando Silva, quando a participante tinha cinco anos de idade, e gravada posteriormente por Nelson Gonçalves em 1991, quando a participante tinha 57 anos de idade. Ao longo da conversa com a participante, que se deu após o seu canto, ela apresentou sinais de confusão quanto ao ambiente em que se encontrava, questionando se a sala onde se encontrava era a sala da casa de sua filha. A experiência de Recriação Musical tem como uma de suas metas o desenvolvimento da memória (BRUSCIA, 2016) e, nesse sentido, pode resgatar a lembrança de momentos passados. Conforme pontuado por Zanini (2002), a integralização da pessoa idosa pode ocorrer na Musicoterapia a partir da música e do cantar, por serem facilitadores do processo de união dos tempos passado, presente e futuro.

Este encontro teve como fator comum as evocações de outros ambientes e situações a partir de determinadas canções. Enquanto Mocinha trouxe sua vivência no ambiente carnavalesco de sua época a partir da marchinha “Cidade Maravilhosa”, Sertaneja pensou estar na sala da casa de sua filha, após ter cantado “Sertaneja”. A partir destas ocorrências, pode se considerar que a experiência com a música, naquele momento, culminou em levar estas participantes a experimentarem ambientes distintos, de momentos diversos existentes em suas memórias. O aspecto referente à família foi comum entre Mocinha e Sertaneja, que evidenciaram a lembrança de familiares próximos a elas (pai e filha, respectivamente). A afetividade presente em relação às canções e memórias evocadas por elas, bem como a ambientação em outras épocas e momentos de vida das participantes nestas manifestações, podem ser relacionadas à experiência do tempo emocional de cada uma delas, isto é, o tempo de *kairós*, subjetivo, não linear e não passível de mensuração (ARANTES, 2015).

Encontro nº 3: O terceiro encontro de intervenção com o grupo ocorreu no espaço ao ar livre da instituição. Este foi o primeiro encontro com uma temática pré-estabelecida, “a infância”, com um repertório baseado em cantigas populares e canções infantis. O motivo

de escolha deste tema foi a possibilidade de evocar memórias e questões relacionadas a um período envolto pelas afetividades das participantes. Com exceção de Maria Bonita, todas as participantes estiveram presentes.

Após a recriação de algumas cantigas populares e canções infantis, foi questionado à participante Sertaneja se a sua mãe cantava para ela quando criança. *“Cantava, cantava. E tocava violão também”*, respondeu. A partir disso, a participante manifestou o sentimento de saudades de sua mãe: *“Quando eu fico com saudades da minha mãe, eu fico assim, tão triste...”*. A participante também se queixou da sua perda de memória e audição, e disse: *“Eu tô num momento muito desgraçado, sabe como que é? Deus, me leva, meu pai [...] Eu tô assim, nos finais, sabe? Deus está me sustentando”*. A partir das manifestações de Sertaneja sobre a sua família, Mocinha compartilhou sobre os seus três filhos, contando seus nomes e a origem da escolha dos nomes masculinos, relacionado aos nomes de seu pai e de seu avô. *“Tenho três filhos, tudo homem, se não andar na linha, ó... [gesto manual simulando um tapa]”*. Quando questionada sobre a sua mãe cantar ou tocar algum instrumento, Mocinha respondeu: *“Ela não tocava nada, mas cantava bonito, ih... sempre de bem com a vida, né? Eles eram muito joias, amigos da gente, assim. Quando precisava puxar a orelha, eles puxavam, mas quando precisava elogiar eles elogiavam também. Os dois deixaram saudades”*.

Em outro momento, ao ouvir Mocinha conversar sobre estilo de dança e mencionar o samba, Sertaneja trouxe espontaneamente a canção “Samba em Prelúdio”, de Vinícius de Moraes.

Comentário 3: Sertaneja trouxe em seu discurso aspectos afetivos sobre a sua mãe, lembrando-se que ela cantava e tocava violão, e mencionando as saudades que sentia dela. Posteriormente descobriu-se que, na verdade, quando ela falava sobre a sua mãe, ela estava se referindo à sua filha, que cantava e tocava violão, e que era a pessoa causadora de sua saudade naquele momento.

Além destes conteúdos, Sertaneja também se manifestou acerca de sua percepção sobre o seu próprio processo de envelhecimento, o que é um processo atual e, portanto, cronológico. Uma das características da idade psicológica da pessoa idosa refere-se à relação existente entre a idade cronológica e as capacidades desta pessoa como, por

exemplo, as capacidades de percepção, de aprendizagem e de memória. Tais capacidades prenunciam o potencial de funcionamento futuro do indivíduo (NETTO, 2016). Neste caso, Sertaneja estava ciente de suas perdas de memória e de audição, queixando-se e relacionando diretamente este fato com o seu envelhecimento.

Em outro momento, a participante trouxe espontaneamente a canção “Samba em Prelúdio” de Vinícius de Moraes, datada de 1962, quando a participante tinha 28 anos de idade. Esta foi a segunda vez em que a participante teve uma canção evocada de sua memória através por meio da menção de uma determinada palavra. No encontro anterior, ela se lembrou de “Sertaneja” de Nelson Gonçalves quando lhe foi questionado sobre alguma canção sertaneja e, neste encontro, ela trouxe “Samba em Prelúdio” ao ouvir a menção do “samba” como estilo de dança.

Neste encontro, Mocinha teve algumas memórias afetivas sendo suscitadas acerca de sua própria família, recordando-se de seus três filhos, pais e avós com detalhes, mencionando todos os seus nomes e características com clareza. O sentimento de saudade, bem como no discurso de Sertaneja, também apareceu na fala de Mocinha. Conforme apontado por Bruscia (2016), uma das metas da experiência de Recriação Musical é a promoção da identificação e empatia com os outros. Nesse sentido, as canções recriadas que trouxeram à tona as manifestações de Sertaneja, evocaram sentimentos que ecoaram em Mocinha, que se identificou e trouxe sua própria experiência para ser compartilhada em grupo.

A temática da “saudade” teve predominância nas manifestações de Sertaneja e de Mocinha, ambas também relacionadas às suas respectivas famílias. O tempo emocional manifestado por Mocinha e Sertaneja poderia ser considerado como uma unidade estrutural (SILVA, 2010), uma vez que as memórias afetivas que foram evocadas apresentaram estruturação em relação aos fatos relatados pelas participantes, isto é, havia coerência de discurso ao recordarem-se de episódios passados (com exceção à Sertaneja que, ao falar sobre sua mãe, na verdade referia-se à sua filha).

Encontro nº 4: Este encontro ocorreu no espaço da sala da instituição e teve como temática “a juventude”, com o repertório baseado em marchinhas de carnaval e canções populares brasileiras das décadas de 50 e 60. Todas as participantes estavam presentes.

Enquanto o *setting* ainda era preparado, Sertaneja começou a cantar “Última Inspiração”, canção gravada por Carlos Galhardo. A canção foi proposta como Audição Musical e, ao fim da experiência, foi questionado se ela se lembrava onde ouvia essa canção. Sertaneja disse: “É bem antiga, lá na fazenda nós tínhamos televisão e rádio, e a gente *usava sempre as duas coisas*”. Sertaneja havia dito que a fazenda ficava em São Paulo, no entanto, quando questionada sobre quanto tempo ela havia vivido nessa fazenda, ela respondeu: “*Ah, minha filha... muitos anos, muitos anos, uhum. Morei na fazenda, Patos, e fui criada lá na fazenda, e aí assim vivendo, depois, as coisas vão mudando, a gente vai mudando, e assim pronto, foi até hoje [riso]*”. Sobre suas lembranças da cidade de Patos, Sertaneja disse: “*Lembro... o meu pai gostava muito de cantar, gostava muito de cantar. Meus netos, meus avós, meus netos também. Eu tive uma infância, infância. Aí foram, vão passando várias etapas, né? A gente ia melhorando, e eu também ia melhorando o currículo da gente em termos de canto. Eu tive uma educação muito boa, eu fui educada em um colégio de freira, entendeu? A gente cantava no coro*”.

Em seguida, trouxe um trecho de hino religioso que costuma trazer corriqueiramente aos encontros. Após terminar, riu e voltou a dizer: “*Colégio de freira, né? Nós cantávamos no colégio de freira. E graças a Deus eu tive uma boa educação, tive uma boa educação. Os meus pais religiosos, eram católicos, sabe? E assim a gente foi crescendo, dentro dos planos da religião e de acordo com as coisas da religião católica que seguia*”. Levando a questão da fazenda para as outras integrantes do grupo, Sertaneja ainda complementou para as colegas: “*Fazenda Jardim, era o nome da fazenda. O meu pai era o dono da fazenda. Quando nós nascemos, então os filhos foram nascendo, foram se criando na fazenda [...] tinha o leite, que era tirado e transformado em queijo. O queijo vendia tanto para os moradores como para as pessoas vizinhas que compravam o queijo para comerem, de alimentação. Alimentação de primeira qualidade, porque era uma alimentação saudável*”.

Próximo ao fim do encontro, Sertaneja se manifestou dizendo ter 93 anos de idade. Questionando se a sua idade não era menor, ela respondeu: “*Eu tenho 93 anos, 93. Semana passada foi o meu aniversário e eu fiz 93, é a mão de Deus [riso]. Semana passada eu*

tinha 83 anos, uma senhora de muitos filhos e muitos netos, né? Eu amo, eu amo a minha família”. No restante do encontro, fez orações por diversas vezes, e depois, passou a cantar “Jesus Cristo”, de Roberto Carlos.

Após a recriação da marchinha de carnaval “Cachaça”, Maria Bonita expressou: *“Eu cantava bastante antigamente, mas agora... [gesto negativo com a mão]. Depois da doença, não canto mais nada... Roberto Carlos, eu gostava. Agora eu só acompanho, Ronnie Von...”*. Ao dizer isso, começou a cantar “Máscara Negra”, de Dalva de Oliveira. Quando questionada sobre a lembrança acerca dessa música, disse: *“Me veio essa agora, ela só veio [riso]”*.

Mocinha, após a recriação da marchinha de carnaval “Cachaça”, manifestou: *“Eu não bebo nada, né? Menos ainda cachaça. Mas a música é boa, né?”*. Emilinha, motivada pela expressão de Mocinha, manifestou sobre a sua juventude: *“Eu bebia um pouco, mas não muito, não. Só um pouquinho”*. Jardineira, motivada pela expressão das colegas, manifestou: *“Eu não era muito de beber, não. Gostava mais de outras coisas, outras coisas”*.

Comentário 4: Neste encontro, a primeira manifestação de destaque veio de Sertaneja, que trouxe espontaneamente a canção “Última Inspiração”, gravada pela primeira vez em 1940, quando a participante tinha seis anos de idade, e interpretada por Carlos Galhardo em 1950, quando a participante tinha 16 anos de idade. A evocação de estados e experiências afetivas é uma das metas da experiência de Audição Musical, tal como descrito por Bruscia (2016). A partir da Recriação e da Audição desta canção, a participante compartilhou de diversas memórias afetivas acerca de sua infância e juventude, dando ênfase para aspectos como a sua família, escola, religiosidade, e a presença da música nesses âmbitos.

Em outro momento, a participante mencionou ter uma idade maior do que a que realmente tem, isto é, a participante sentia-se com uma idade, psicológica e emocional, não correspondente à sua idade cronológica. A idade psicológica é aquela que está relacionada ao senso subjetivo de idade da pessoa idosa diante dos indícios sociais, biológicos e psicológicos de seu próprio envelhecimento (NETTO, 2016). Nesse sentido, a idade psicológica de Sertaneja corrobora com o ponto trazido por Santos (2018), ao afirmar que tempo subjetivo e o tempo da vida cotidiana, instituído, não são coincidentes.

Num momento seguinte, próximo ao fim do encontro, Sertaneja trouxe a canção “Jesus Cristo”, interpretada por Roberto Carlos, após fazer uma oração. A canção é datada de 1970, quando a participante tinha 36 anos de idade.

Maria Bonita também compartilhou de memórias afetivas após a recriação da marchinha de carnaval “Cachaça”. Quando a participante menciona o fato de cantar antigamente, lembra-se de uma época de valor afetivo e, ao comparar com a sua situação atual, estabelece o contato com o seu período cronológico de vida. A participante trouxe também a canção “Máscara Negra”, datada de 1966, quando a participante tinha 16 anos.

Maria Bonita esteve presente somente em três dos encontros com o grupo e, ainda assim, apresentou a partir das intervenções conteúdos de cunho afetivo, evocados pelas canções recriadas. A possibilidade de autoexpressão no ambiente proporcionado pela Musicoterapia pôde fazer com que a participante compartilhasse desses conteúdos, entrando em contato consigo mesma e com seu momento atual de vida. O aprimoramento de habilidades interativas e de grupo é uma das metas sugeridas por Bruscia (2016) na utilização da experiência de Recriação Musical, o que pôde ser observado no comportamento de Maria Bonita.

As participantes Mocinha, Emilinha e Jardineira apresentaram menores interações neste encontro, manifestando algumas memórias partir da recriação da marchinha “Cachaça”, somente enquanto o tema de discussão era a bebida e o hábito de beber durante a juventude.

Encontro nº 5: Neste encontro, a temática a ser abordada no grupo teria sido a “música”. No entanto, houve algumas intercorrências no *setting*, prejudicando o processo de coleta de dados da pesquisa, uma vez que não houve manifestações acerca do tempo emocional e cronológico.

A participante Sertaneja, que possui no grupo um papel de forte influência e até mesmo liderança em alguns momentos, apresentava-se demasiadamente agitada, o que foi perceptível pela sua respiração curta, fala rápida e confusão no raciocínio. A participante confundia-se com o ambiente em que estava e com o grupo, pensando ser um grupo de orações, e cobrando que no momento da Musicoterapia, fossem feitas orações com as participantes. Sertaneja entrevistou verbalmente por diversas vezes, acabando por interromper

as atividades e canções propostas. Por conta disso, o ambiente do grupo foi influenciado como um todo, uma vez que as outras participantes acabaram por se estressar com a colega, havendo momentos de silêncio e de discussões.

Encontro nº 6: O último encontro de intervenção com o grupo ocorreu no espaço ao ar livre da instituição, tendo a presença de todas as participantes, exceto Maria Bonita. Neste encontro, buscou-se trabalhar a temática “música” com as participantes, uma vez que não foi possível trabalhar este mesmo tema no encontro anterior. O repertório foi constituído por um apanhado geral das canções que foram vivenciadas ao longo dos encontros anteriores.

Após a recriação da marchinha de carnaval “Cidade Maravilhosa”, foi questionado à Sertaneja sobre ter morado no Rio de Janeiro. A participante respondeu: *“Morava, morava. Gostava muito do Rio de Janeiro, muito... cidade maravilhosa”*. Ao contar que seu estado de origem era a Paraíba, a participante manifestou: *“O meu pai era deputado, deputado federal. Cada um tinha a sua função dentro do seu estado”*. A partir dessa interação, Emilinha contou que foi ao Rio de Janeiro uma vez: *“Só fui uma vez, faz muito tempo”*. Mocinha também disse ter conhecido a cidade: *“Só de passagem, só como visita”*.

Quando questionada sobre ter conhecido o Rio de Janeiro a partir da marchinha “Cidade Maravilhosa”, Jardineira respondeu: *“Vim pra Curitiba, de noite, a [nome da irmã] adorava, adora viajar de noite. É uma viagem muito longa, a gente ficava em Soledade, eu acho. Perto de Espumoso. Mas de lá pra Curitiba é longe, cinco horas eu acho [...] O meu pai gostava de comer durante a viagem, mas eu... às vezes é muito raro eu colocar uma bala na boca. Às vezes a gente parava pra comer, porque era muito longe”*.

Após a recriação de “As Mocinhas da Cidade”, Jardineira se manifestou dizendo que tinha o costume de ouvir e cantar músicas: *“Eu cantei muito na vida, cantei pra mim mesma. Eu cantei, eu adorava, fazia um servicinho ali, e com o rádio por perto. Ia fazendo as coisas e cantando, eu adorava, me entretia”*. Quando questionada sobre gostar de música, Jardineira respondeu: *“Ah, muito... já gostei quando a gente tinha a nossa casa. O pai, a mãe, era só nós. Hoje, a gente não tem muito... não tem muita abertura pra conversar, pra cantar. Eu canto sozinha, ‘se não tem tu vai tu mesmo’ [riso]. Fazer o quê, né? Eu canto para os meus anjos da guarda”*.

Comentário 6: Neste encontro, Sertaneja trouxe memórias afetivas quando mencionou o Rio de Janeiro, cidade em que já morou, e quando trouxe espontaneamente a informação acerca de seu pai ter sido deputado federal.

A participante Jardineira também trouxe diversas evocações de memórias afetivas sobre as viagens que costumava fazer, contendo aspectos acerca de sua família, ao mencionar sua irmã e o seu pai. A participante também manifestou, após a recriação da canção “As Mocinhas da Cidade”, lembranças carregadas de afetividade em relação à música e ao seu prazer pessoal em cantar e ouvir música. A experiência de Recriação Musical, que tem como uma de suas metas o desenvolvimento da memória (BRUSCIA, 2016), colaborou para que a participante tivesse evocações de memórias afetivas que foram compartilhadas no grupo.

O exercício do canto pode ser considerado uma prática de expressão e da memória. A junção destes dois fatores leva à espontaneidade sendo, portanto, um exercício terapêutico (ZANINI, 2002). Além disso, o cantar na Musicoterapia também pode facilitar o processo de acessar memórias afetivas e, portanto, o acessar do tempo emocional, como foi o caso de Jardineira neste encontro, bem como de outras participantes nos encontros anteriormente citados.

Para Arantes (2015), *kairós* simboliza o instante presente em que se consegue afastar o caos e abraçar a felicidade. A partir disso, é possível considerar que os encontros de Musicoterapia, ao estabelecerem a ponte de contato entre o tempo cronológico e o tempo emocional, podem favorecer a presença de momentos em que as participantes se reconectam com episódios de suas vidas em que experimentaram afetividades positivas.

Neste trabalho, foram essenciais as ideias de Zanini (2002) acerca da união dos tempos passado, presente e futuro na integralização da pessoa idosa, da manifestação de outros tempos que não somente o cronológico nos encontros de Musicoterapia (SILVA, 2010), da concepção da ideia metafórica do tempo não linear representado por *kairós* (ARANTES, 2015) e dos conceitos de idades cronológica e psicológica apontados por Netto (2016). Todas essas ideias e conceitos apresentados pelos autores colaboraram no processo de análise, reflexão e discussão dos dados apresentados, auxiliando na compreensão das manifestações que surgiram.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados e discussões aqui apresentados, ainda que brevemente, puderam compor um panorama acerca das expressões do tempo emocional e cronológico por idosas institucionalizadas nos encontros de Musicoterapia, que se apresentaram de diversas maneiras. Foi possível observar tanto a forma em que se davam essas expressões, como os conteúdos que elas abarcavam e a reação das participantes diante de suas manifestações próprias e das colegas.

Nas manifestações destacadas, emergiram conteúdos referentes a diversas épocas de vida das participantes, em especial a juventude. O contexto e a temática da família também foram de grande destaque nas expressões verbais das participantes ao longo dos encontros, o que acentuou ainda mais a questão da afetividade envolta nestas recordações, possibilitando o compartilhamento de sentimentos como a saudade, a relação entre familiares, aspectos da criação dada pela família e até mesmo questões referentes à rotina que se tinham as famílias. Também emergiram conteúdos acerca do momento atual de vida das participantes, o processo de envelhecimento, a autopercepção do mesmo e a consciência acerca de perdas e dificuldades decorrentes desse processo. Os temas “música” e “família” foram temas evidenciados em diversas manifestações das participantes, essencialmente atrelados a questões afetivas como o prazer pelo cantar e ouvir música, a atual dificuldade de cantar e a presença da música nos âmbitos familiares e até mesmo escolares.

O tempo emocional e o tempo cronológico foram compreendidos aqui como constituintes do ser humano e, no caso da pessoa idosa, é de extrema importância o resgate e valorização das manifestações destes tempos, uma vez que estão diretamente ligados às relações afetivas que a pessoa estabeleceu e continua estabelecendo ao longo de sua história de vida. Nesse sentido, a Musicoterapia se mostra uma ferramenta facilitadora do acesso aos tempos emocional e cronológico da pessoa idosa, possibilitando dar visibilidade às memórias afetivas, canções, histórias vividas, autopercepção e outros aspectos emergentes do processo terapêutico, potencializando a autoestima e, conseqüentemente, contribuindo para a melhoria da saúde.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, P. C. Kairós e Chronos: Origem, Significado e Uso. **Revista Pandora Brasil**, n. 69, 2015.
- BARCELLOS, L. R. M. Etapas do Processo Musicoterapêutico ou Para uma Metodologia de Musicoterapia. In: **Quaternos de Musicoterapia e Coda**. Dallas: Barcelona Publishers, p. 157, 2016.
- BENEVENUTI, C. B.; SOUZA, C. H. M.; MANHAES, F. C. Lições da escola da vida: o tempo, o sujeito e a literatura. **Envelhecimento Humano Em Processo**. Instituto Brasil Multicultural: Rio de Janeiro, 2018.
- BORGES, F.; SILVA, C. **Análise Temática Dialógica como Método de Análise de Dados Verbais em Pesquisas Qualitativas**. Revista Linhas Críticas, Brasília, DF, v.23, n.51, p.245-267, 2017.
- BRAVIN, M. V.; VAGETTI, G.; CUNHA, R. R. S. **Musicoterapia e Doenças Degenerativas: Uma Revisão Integrativa**. Trabalho de conclusão do curso de graduação de Bacharelado em Musicoterapia – UNESPAR – Campus de Curitiba II/FAP, 2018.
- BRUSCIA, K. **Definindo Musicoterapia**. Barcelona Publishers, 2016.
- DREHER, S.C.; KAPPKE, S.C.; ZANCHETTA, C. Musicoterapia e seus benefícios no trabalho com idosos. DREHER, S.C.; MAYER, G.C.T. (Org.) **A Clínica na Musicoterapia: Avanços e Perspectivas**. p. 9-20, São Leopoldo: EST, 2014.
- FLICK, U. Pesquisa Qualitativa: Por que e como fazê-la. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. p. 20. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GIL, A. C. Pesquisa Social. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. p. 27. São Paulo: Atlas S.A., 2008.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017**. Agência IBGE Notícias. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>>. Acesso em: 10 de jun. 2019.
- LURIA, A. R. **Pensamento e Linguagem**: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- MACHADO, J. C. B. Doença de Alzheimer. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.
- NETTO, M. P. Estudo da Velhice: Histórico, Definição do Campo e Termos Básicos. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.
- RENNER, K. K.; BEYER, E. O tempo musical no tempo do sujeito: ouvindo os fazedores de música da idade madura. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 11, p. 103-122. Porto Alegre, 2007.

SANTOS, G. L. Os Idosos e a Vivência do Tempo: Implicações nos Processos de Desenvolvimento. **Gerai**s: **Revista Interinstitucional de Psicologia**, 11(2), p. 382-400. 2018.

SCHAPIRA, et al. El Trabajo Com Canciones. **Musicoterapia: Abordaje Plurimodal**. ADIM Ediciones, p. 159-161, 2007.

SILVA, L. R. Musicoterapia: A música como espaço-tempo relacional entre o sujeito e suas realidades. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**, p.27-37. Curitiba v.1, 2010.

ZANINI, C. R. O. Coro terapêutico - Um Olhar do Musicoterapeuta para o Idoso no Novo Milênio. Goiânia, 2002. **Dissertação (Mestrado em Música)**. **Universidade Federal de Goiás**.

Data da submissão: 16/06/2020
Data da aprovação: 20/10/2020